

GEOGRAFIA DO SOFRIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DA DIMENSÃO ESPACIAL EM GRACILIANO RAMOS

Amanda Teotonio da Silva¹
Alyne Karollayne Melquiades Souza da Silva²
Noême Martins de Araújo³
Hugo Arruda de Moraes⁴

RESUMO

O presente escrito possui como objetivo discutir elementos dos dramas psicológicos e existências dos personagens do livro *Vidas Secas*, numa perspectiva de leitura da realidade espacial por meio de uma obra literária. Como percurso metodológico, inicialmente, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica, buscando compreender as possibilidades de interpretações da Geografia pelo prisma da Literatura. Posteriormente, efetuou-se uma análise da obra *Vidas Secas* sob parâmetros de uma dimensão geográfica. Em síntese, os resultados obtidos revelam que o livro de Ramos apresenta elementos psicológicos dos seus personagens e, de forma indissociável, retrata elementos da organização espacial do Nordeste no início do século XX. Tal condição não só faz deste romance uma obra atemporal e clássica, com os seus protagonistas como representantes de um povo, de uma região, mas também, e a partir da interpretação feita, reafirmar a condição de ser a literatura um caminho para análise do espaço.

Palavras-chave: *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, Literatura, Geografia, Dimensão Espacial.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo discutir elementos de los dramas psicológicos y existenciales de los personajes del libro *Vidas Secas* a partir de una perspectiva de lectura de la realidad espacial a través de una obra literaria. Inicialmente, como metodología, se realizó una investigación bibliográfica, buscando comprender las posibilidades de interpretar la Geografía a través del prisma de la Literatura. Posteriormente se realizó un análisis de la obra *Vidas Secas* bajo parámetros geográficos. En resumen, los resultados obtenidos revelan que el libro de Ramos presenta elementos psicológicos de sus personajes y de manera inseparable, retrata los elementos de la organización espacial en el Nordeste brasileño a principios a comienzos del siglo XX. Esta condición no sólo hace de esta novela una obra literaria intemporal, sino que también describe a sus personajes como representantes de un pueblo, de una región y, a partir de la interpretación realizada, reafirma la condición de la literatura como camino de análisis del espacio.

¹ Mestranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, amandatt73@gmail.com;

² Mestranda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, alykarollayne@gmail.com;

³ Mestra pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, noemimartins_lv@hotmail.com;

⁴ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor do Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, hugo.geografia@yahoo.com.br.

Este trabalho é fruto da pesquisa de mestrado “Vidas secas e a construção ficcional e real do sofrimento humano: uma análise da dimensão espacial em Graciliano Ramos. Vinculada ao grupo de pesquisa Geografia e Formação Territorial do Brasil (GEOFORM) e é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Nível Superior (CAPES).



Palabras clave: Vidas Secas, Graciliano Ramos, Literatura, Geografía, Dimensión espacial.

INTRODUÇÃO

A compreensão da sociedade e das suas formas de interação com o ambiente pode se estabelecer por intermédio de diversas dimensões teóricas e metodológicas. Esse entendimento pode ter várias mediações, passando por influências de cunho científico ou não, que permitem um processo de delineamento de organização socioespacial. Trazendo para a perspectiva da Geografia, é visto que ela consegue fazer uma leitura da realidade, mediando processos interpretativos e incursões realizadas por outros saberes, numa perspectiva dos “saberes-fazer geográficos” apontados por Claval (2004).

Dentre as possibilidades de diálogo com outros saberes, se pode mencionar o que ocorre com a Ciência Literária. De acordo com Cândido (2000), a eloquência literária possibilita que a linguagem escrita seja utilizada como forma de expressão que transcende seus elementos estéticos, mais também contemplam elementos linguísticos, psíquicos e sociais comuns, mas também, de se apresentar como um arcabouço histórico e espacial, refletindo dinâmicas da sociedade na qual o seu autor está inserido. Desta forma, tal interação possibilita a construção de potencialidades múltiplas e, em alguns casos, pouco previstas e fruto de diferentes contextos históricos (Moreira, 2010).

Na realidade brasileira se nota que a Literatura tem um papel fundamental na construção de um saber geográfico. Antes mesmo de sua institucionalização, a criação artística e do pensamento social já permitiam a constituição de um conhecimento com forte capacidade de análise espacial e por conseguinte possibilita a composição identitária coletiva e não sendo uma cópia de outros povos (Andrade, 2007). Em razão disso, Andrade (2007) afirma que diversos escritos se mostravam criativos e interpretativos de nossa realidade, possibilitando a composição identitária coletiva e não sendo uma cópia de outros povos.

Tal perspectiva é fundamental aqui, uma vez que diversas obras da Literatura Regionalista de 1930 trazem uma dimensão espacial como central. E podem ser retomadas como tentativa de demonstrar essa relação conjunta. Com manifestações artísticas cuja leitura da realidade tinha um olhar muito específico para o plano físico e social do Nordeste (NE), vários escritos se mostram capazes de permitir um diálogo entre a Geografia e a Literatura.

Porém, mais do que isso, os escritos regionalistas conseguiram construção de um saber geográfico centrado numa forte denúncia dos dramas sociais vivenciados pela população

nordestina, principalmente, por conseguir manter uma relação entre o ficcional e a realidade. Nesse entendimento, pensamento, imaginação e realidade passam a compor uma narrativa literária (Ianni, 2004).

Nessa perspectiva, as narrativas literárias passam a conter não só o ficcional, mas a realidade, num processo de coexistência capaz de apontar caminhos interpretativos da realidade espacial. Essa capacidade de visão espacial é um aspecto marcante de vários escritos brasileiros, dentre eles, nos de Graciliano Ramos. Logo, a leitura da espacialidade de seus textos apresenta uma narrativa que expõe, mediante descrições e ressignificações do homem no meio, o processo de construção do espaço geográfico, revelando os conflitos sociais, psicológicos, existenciais e todo o desastre impulsionados pelas secas e pela estrutura econômica da região.

Em *Vidas Secas*, Ramos apresenta uma leitura de realidade, possibilitando ser uma fonte para a análise espacial. Tal condição se faz presente, também, por Graciliano ter vivenciado a região que ele se propôs a descrever, pois isso corrobora as suas descrições das relações homem-natureza e dos fatores socioeconômicos presentes no seu texto. Isso fez do livro *Vidas Secas* não só um escrito literário, mas também, um texto com importante registro da realidade histórico-territorial e ambiental do sertão nordestino, vivenciado no início do século XX. Nele, o escritor não somente apresentou ao leitor a condição existencial e a trajetória de vida de uma família de retirantes na busca por (sobre)viver em um período entre secas, mas, possibilitou uma forma de interpretação do contexto nordestino.

O presente artigo, portanto, possui como objetivo central discutir elementos dos dramas psicológicos e existências dos personagens do livro *Vidas Secas*, numa perspectiva de leitura da realidade espacial por meio de um uma obra literária. Com isso, ampliam-se as possibilidades de vislumbrar um possível diálogo entre a Geografia e a Literatura, onde a relação de fronteira entre a ciência e a arte e a razão e emoção é muito tênue e que a dimensão espacial é explícita no texto literário. Ao mesmo tempo, assume-se o romance como um objeto de análise do pesquisador-geógrafo, permitindo mais um caminho de leitura da realidade.

Estruturamos este escrito de modo a: apontar, primeiramente, a perspectiva de ser o romance um objeto geográfico na medida que possibilita uma leitura da realidade espacial (primeira seção); tratar, em seguida, da interface entre Literatura e Geografia, a partir de *Vidas Secas* (segunda seção); apresentar os dramas psicológicos e existências dos personagens do livro e como, a partir desses elementos é possível uma compreensão da dimensão espacial (terceira seção); e colocar a conclusão (quarta e última seção).

O MÉTODO DE ABORDAGEM: O ROMANCE COMO OBJETO GEOGRÁFICO

O método de abordagem foi construído com o suporte teórico do romance como objeto para análises geográficas, partindo, assim, da perspectiva de que as relações sociedade-espço acontecem, dialeticamente, no âmbito do processo histórico-territorial de formação do Brasil e que uma obra literária pode apresentar caminhos interpretativos para essa dimensão espacial.

Assim, o espaço, sendo este a base física em conjunto com as relações sociais presentes no ambiente, é conceito-chave para a Ciência Geográfica, mas também, fonte de inspiração para as obras literárias. Desta forma, o “lugar”, enquanto dimensão espacial, é o denominador comum entre essas duas formas de saber humano:

Que isomorfismo poderíamos querer encontrar em coisas tão díspares quanto a Crítica Literária e a Geografia, uma vez que a Literatura é “criação artística” e a Geografia é, ou pelo menos pretende ser, “construção científica”? A noção de localização espacial configurada no “lugar” aparece como o denominador comum no princípio dessa possível aliança (Monteiro, 2002, p.13).

Inclusive, de acordo com Marandola e Oliveira (2009, p. 490), as obras romancistas foram bastante utilizadas por geógrafos que vivenciaram o século XIX ou na metade do século XX. No Brasil, inspirado na obra do francês Pierre Monbeig (1940), o primeiro estudioso que se voltou para compreender essa relação foi Fernando Segismundo (1949), que por meio de seus escritos relatou a importância de obras romanescas para o entendimento das particularidades da fauna e flora e dos grupos étnicos que constituem o país. Para pontuar tal afirmação, esse autor relatou que os produtos elaborados por Raquel de Queirós, José Américo, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e Dalcídio Jurandir podem ser utilizados, respectivamente, para a compreensão dos ciclos da seca, do cacau, do açúcar e do agropastoril.

Nesse viés, Guimalhães (2000) ressalta que a utilização dessas obras para o país pela sua importância histórico-documental dessas obras para o Brasil por possibilitar a visualização de diferentes realidades e como ocorriam as transformações sociais e econômicas do país por intermédio da junção das conjunturas culturais e científicas dessas épocas. Em suma:

Mediante a recuperação desses relatos, encontramos as primeiras documentações, verdadeiros inventários, sobre as paisagens físicas humanas brasileiras, desbravadas e conhecidas, ou construídas, ricas em informações e referências curiosas sobre as realidades e os fatos aqui encontrados pelo colonizador europeu (Guimalhães, 2000, p.19)

Retomando as palavras de Monteiro (2002), em conjunto com aspectos físicos, os autores podem associar as “paisagens” descritas nas obras as vivências dos personagens com o intuito de realizar a leitura da condição humana na qual os personagens da história estão inseridos. Monteiro (2002) relata que:

O relacionamento entre a Geografia e Literatura, como um “continuum entre a configuração da paisagem e a condição humana”, parece torna-se mais claro que tanto a “paisagem”, para o geógrafo, quanto a “escrita”, para o romancista, estão centradas na “condição humana” (Monteiro, 2002, p.24)

Assim, é perceptível que por meio dos livros podem ser observados sentimentos, afetividades e escolhas do autor. Por conseguinte, acabam refletindo elementos de caráter coletivo e individual no qual este é inserido (Marandola e Oliveira, 2009). Deste modo, é observado que os geógrafos que seguem essa perspectiva têm entre as suas preocupações como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço. Mediante essa informação, os romances devem ser vistos como uma construção que propiciaram um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana (Brosseau, 2007).

Em suma, e de acordo com Lafaile (1988), o pesquisador-geógrafo que assume uma obra literária como fonte de informação, tem em suas mãos, um conhecimento discursivo com forte arcabouço histórico e espacial, ampliando a compreensão da natureza da formação territorial, além das dinâmicas históricas e da relação entre sociedade e espaço no Brasil:

Assim, paradoxalmente, a literatura será, ao mesmo tempo, uma ferramenta para melhor penetrar na realidade objetiva e um meio eficaz para compreender os recônditos da alma. [...] a leitura contribui, de um lado, para regenerar nosso conhecimento sobre as qualidades objetivas das paisagens e, de outro lado, para refinar nossa compreensão sobre as experiências subjetivas ligadas a essas mesmas paisagens. Em resumo, a força da literatura estaria em reunir a objetividade e a subjetividade, duas vertentes que mais se completam do que se afrontam (Lafaile, 1988, p.140 apud Brosseau, 2007, p.33).

Deste modo, a compreensão do conjunto desses fatores objetivos e subjetivos representados na obra possibilita ao geógrafo uma forma de representação ou cópia da realidade, que de acordo com Castro (2016) possibilita uma espécie de “cartografia do real”:

Obras literárias exprimem imagens de lugares, linguajar típico de personagens, descrições vivas de paisagens. Imaginada como imitação da “realidade”, a literatura poderia oferecer à geografia uma espécie de “cartografia do real”, expressando, inclusive, determinada época, sociedade. Fonte informativa, documental. A compreensão das obras literárias como descrição da “realidade” seria, talvez, uma herança da geografia baseada na concepção da descrição geográfica. (Castro, 2020, p.340)

Por conseguinte, essas obras podem ser utilizadas pelos estudiosos como forma de amplificação do conhecimento destes em relação aos locais e do cotidiano da população que ele almeja estudar. Deste modo, nota-se que a relação entre essas duas formas de saberes já está instituída e que atribuir ao romance um caminho de construção de saber que mantém relação com a Geografia é central. Dessa maneira, a importância do texto literário se afirma, uma vez

que esses escritos têm um “conteúdo geográfico lato sensu” (Monteiro, 2002, p.23), permitindo uma interface entre ciência e arte.

Nesse sentido, e com vistas à operacionalização da referida abordagem, visando à concretização do objetivo do presente escrito, utilizou-se dos seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico acerca da temática ora tratada, por meio da leitura de autores e do resgate de ideias julgadas como relevantes e adequadas para a análise e compreensão do tema em epígrafe; em seguida, buscou-se fazer uma leitura e análise da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, trazendo passagens que retratassem elementos dos dramas psicológicos e existências dos personagens do livro, numa perspectiva de apontar para uma possibilidade de leitura da realidade espacial. O referido percurso possibilitará não só analisar a obra de Graciliano Ramos, mas também, permitirá uma investigação científica que dará subsídios para afirmar que existe uma relação de diálogo entre a Geografia e a Literatura.

VIDAS SECAS E A INTERFACE ENTRE A LITERATURA E A GEOGRAFIA

A capacidade de visão espacial é um aspecto marcante de vários escritos literários brasileiros, dentre eles, nos textos de Graciliano Ramos. E a leitura da espacialidade dessas obras possibilita a apresentação de uma narrativa que além de expor, mediante descrições e ressignificações do homem no meio, o processo de construção do espaço geográfico, revelam os conflitos sociais, psicológicos, existenciais e todo o desastre impulsionados pelas secas e pela estrutura econômica da região.

Alagoano da pequena cidade de Quebrangulo, o literato foi autor de diversos textos clássicos, a destacar: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1936), *Vidas Secas* (1938) e *Memórias do cárcere* (1953). Desses, o livro *Vidas Secas* se constitui como um importante registro da realidade socioeconômica e ambiental do sertão nordestino, vivenciado no início do século XX. Nele, o alagoano não somente apresentou ao leitor a condição existencial e a trajetória de vida de uma família de retirantes na busca por (sobre)viver em um período entre secas, mas, também, possibilitou uma forma de interpretação da realidade nordestina da época.

Publicada em 1938, Ramos convida o leitor a acompanhar a trajetória do Fabiano, sua família e a cachorra Baleia no percurso de migração tentando escapar das mazelas provenientes de sucessivos episódios de seca no Nordeste Brasileiro. De acordo com Cândido (2006), esse percurso se faz em terceira pessoa, com uma composição que se apresenta de forma não contínua, constituindo pedaços que poderiam ser lidos isoladamente. Adicionalmente, essa obra

apresenta uma rusticidade extrema que possibilita a representação de uma humanidade enquadrada em níveis sociais e culturais mais humildes.

Focando nos personagens, a história retrata indivíduos expostos a um fluxo desfavorável das injunções naturais (seca) e sociais (agregação à terra alheia) (Monteiro, 2002). E é nesse processo que Ramos apresenta uma escrita que mantém uma forte ligação com saberes geográficos, uma vez que ele relata sujeitos possuindo a “curva de sua existência” (Cândido, 2006, p. 66) definida pelos caprichos hidrográficos que lhe dão o direito à vida ou morte.

Assim, na ficção construída, o autor brasileiro põe o leitor em uma realidade espacial bem descrita de elementos essenciais da paisagem natural nordestina, como também, em um conjunto de interações estabelecidas numa sociedade desigual.

Inclusive, o próprio autor relata que, por intermédio das suas vivências, retirou alguns personagens para as suas histórias:

Meu pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha de um criador de gado, ouviu os conselhos de minha avó, comprou uma fazenda em Buíque, em Pernambuco, e levou para lá os filhos, a mulher e os cacarecos. Ali a seca matou o gado — e seu Sebastião abriu uma loja na vila. Da fazenda conservo a lembrança de Amaro Vaqueiro e de José Baía. Na vila conheci Andre Laerte cabo José da Luz, Rosenda Lavadeira, padre José Inácio, Filipe Benicío, Teotoninho Sabiá, seu Batista, dona Marocas, minha professora, mulher de seu Antônio Justino, personagens que utilizei anos depois (Ramos, 2020).

Desse modo, e de acordo com Cândido (2006), nas obras de Ramos são utilizadas elementos de descrição, narração, diálogo, notação de atos e costumes como subsídio para seus escritos de caráter bibliográfico, como, por exemplo, *Angústia* (1936), e os mais ficcionais, como *Vidas Secas* (1938). Mesmo assumindo uma visão pessimista, que pode ser enquadrado como a sua forma de protesto e de manifestação contra o mundo das normas construtoras, Ramos apresenta uma narrativa que possibilita passar da condição de realidade ficcional para a compreensão das visões políticas e de mundo do autor. Assim, relata Cândido (2006, p.99):

A sua obra não nos toca somente como arte, mas também (quem sabe para alguns sobretudo) como testemunho de uma grande consciência, mortificada pela iniquidade e estimulada a manifestar pela força dos conflitos entre a conduta e os imperativos íntimos. E a seca lucidez do estilo, o travo acreditado temperamento, a coragem da exposição deram alcance duradouro a uma das visões mais honestas que a nossa literatura produziu do homem e da vida (Cândido, 2006, p. 99).

Nesse caminho, Monteiro (2002) pontua que apesar da história não expressar objetivamente a localização onde o enredo acontece, a descrição do ambiente pelos seus personagens possibilita que o leitor visualize os elementos essenciais da paisagem. Inclusive, mostra como tais ambientes experienciam episódios de seca ou cheia. Além do espaço físico,

outro viés geográfico que pode ser analisado é a perspectiva que o deslocamento foi motivado pela realidade social.

Ou seja, por intermédio dessa história, pode-se realizar análise do espaço social. Além disso, de acordo com Bizarria et.al (2016), em decorrência dessa obra retratar uma situação que, em certa medida, ainda persiste no território Nordeste, o escrito se torna um romance atemporal, clássico e que tem os seus protagonistas como representantes de um povo, de uma região. Adicionalmente, Buriti e Aguiar (2015, p.8) esse é daquelas obras que conseguem proporcionar um arcabouço teórico que possibilita a evidenciação dessas questões sociais.

Nesse caminho, buscar num romance um conteúdo geográfico é possibilitar a Geografia ter mais uma fonte de informação para análise do espaço. E o livro *Vidas Secas* é um desses. Em uma crítica literária escrita por Pereira (1938), o crítico ressalta que Ramos consegue atribuir humanidade aos que estão nos níveis sociais e culturais mais humildes, objetivando demonstrar a “condição humana” intangível e presente em criaturas classificadas como mais embrutecidas. Essa realidade é perceptível ao reler o livro *Vidas Secas*, pois por intermédio desse processo é possível observar passagens do enredo que retratam elementos psicológicos e, de forma indissociável, retratar as fortes desigualdades existentes no território Nordeste.

O autor da obra ao decorrer da obra utiliza-se de pensamentos dos seus protagonistas que possibilitam que o leitor compreenda como estes estão lidando com as adversidades nos quais estão submetidos em decorrência das questões naturais e humanas. No capítulo intitulado “Fabiano”, o vaqueiro ao avaliar a fazenda abandonada na qual a família se abrigou após uma longa trajetória no sertão nordestino, descrita no capítulo “Mudança”, reflete após passar por tais adversidades se ele é gente ou bicho.

Nesse momento introspectivo, primeiramente o personagem exclama: “-Fabiano, você é um homem” (Ramos, 2018, p. 44) ao se vir diante daquele ambiente no qual pode se abrigar em conjunto com a sua família. Entretanto, ao observar a aproximação de seus filhos, o mesmo reflete sobre o que acabara de falar em voz alta e se corrigiu falando que ele era apenas “um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra” (Ramos, 2018, p. 45). A partir dessa reflexão, o protagonista reflete que tal afirmação é imprudente e acaba chegando a conclusão que “ — Você é um bicho, Fabiano” (Ramos, 2018, p. 46).

Adicionalmente, nesse momento é perceptível que o protagonista possui uma consciência de como a sua vida e da sua família é desenhada pelas medidas que os mesmos necessitam realizar para sobreviver a sucessivos episódios de seca a qual estão expostos. Nesse

caminho, Fabiano reflete que ele é um bicho capaz de vencer essas situações, mesmo que seja necessário ser vaqueiro de terra alheia para sobreviver com a sua família que necessitavam constantemente fugir da seca.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim, senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite. (Ramos, 2018, p. 46)

Desse modo, a partir das descrições realizadas por Ramos observa-se que a realidade ao entorno interfere como os seus protagonistas compreendem seu papel no mundo a partir de como eles interagem com outros personagens e de como conseguem se apropriar dos elementos físicos no espaço no qual estão inseridos. Focando na questão social, é perceptível que as situações nos quais eles necessitam sair da fazenda na qual estão residindo no período retratado na história e precisam se dirigir a cidade na qual, conforme a percepção de vivência dos personagens, as pessoas necessitam se vestir apropriadamente e utilizam-se de palavras difíceis para realizar o ato da comunicação.

Trazendo a perspectiva de Monteiro (2002) sobre o espaço romanesco apresentado na obra, o autor pontua que ele é constituído por um espaço imediato, no qual os personagens se sentem à vontade, em conjunto com um espaço complementar, no qual os personagens são apresentados a situações hostis oriundas das diversas relações sociais. No livro, dividido em treze capítulos, são vistas situações que demonstram como o ambiente da cidade próxima à cidade é o espaço no qual a família se sente deslocada em detrimento dos demais e é a área na qual o protagonista é submetido a situações de injustiças que amplificam as situações de vulnerabilidade a qual já estão submetidos.

Tornando palpável tal afirmação, é visto no capítulo “Cadeia” que Fabiano acaba sendo preso injustamente após acabar ser provocado pelo personagem denominado como soldado amarelo ao sair de um bar, o protagonista havia apostado um dinheiro que era para ser gasto para compra de produtos solicitados pela Sinha Vitória. Em decorrência do evento citado anteriormente, Fabiano passa uma noite na cadeia na qual reflete, como seria a sua reação se não tivesse uma família a qual necessita retornar, que nesse momento de tristeza acaba-os denominando como “cambões” que se encontram pendurados no seu pescoço.

Esses dois momentos citados são episódios nos quais o leitor é apresentado aos pensamentos do Vaqueiro Fabiano, no qual é perceptível quão o personagem ao vivenciar essas situações a vida inteira sabe quanto essas injustiças são cíclicas em sua trajetória e é possivelmente o que acontecerá no futuro com seus filhos. Ainda no episódio da Cadeia,

Fabiano demonstra em seus pensamentos que sabia quão vulneráveis a essas injustiças os seus filhos ainda se encontraram no futuro:

Fabiano gritou, assustando o bêbado, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo (Ramos, 2018, p. 76)

Outra situação demonstrada no livro que possibilita compreender como a questão social é o capítulo “Contas” que possibilita o entendimento das relações de produção são estabelecidas no ambiente do sertão. Pois, após a negociar a venda de animais com o seu patrão, ele percebe que o valor que recebeu não condizia com os valores calculados por Sinha Vitória.

[...]Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros [...] (Ramos, 2018, p. 190)

Em primeiro momento, ao realizar essa ação visualizou sua esposa como correta:

[...] Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! [...] (Ramos, 2018, p. 190)

Ao ser confrontado pelo seu patrão, o vaqueiro acabou pedindo desculpas e diminuiu ele e a sua esposa em relação ao patrão, que para ele era quem detinha mais conhecimento.

[...] Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra [...] (Ramos, 2018, p. 190)

Assim, é observado como os elementos naturais e sociais descritos no livro afetam em como os personagens são inseridos na sociedade e de como eles conseguem se perceber como componente da sociedade no qual estão inseridos em papel de subserviência ao decorrer da obra. Por fim, a história finaliza com a família retornando ao movimento que estavam fazendo no primeiro capítulo, ao decorrer de todo o livro é perceptível que a família temia esse

momento, mas que já era algo que eles esperavam enfrentar em algum momento. No capítulo intitulado “Fuga”, a família de retirantes com o intuito de fugir dessa situação cíclica oriunda da seca se dirigiram ao sul em busca de uma cidade grande na qual objetivavam obter oportunidades que os possibilitem algo além de sobreviver.

[...] Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. As palavras de Sinha Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinha Vitória, as palavras que Sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos (Ramos, 2018, p 245).

Deste modo, é notado como o espaço no qual a história retratada é inserida é constituído por fatores socioeconômicos e naturais que oriunda em consequências no modo de agir e pensar dos personagens retratados na obra. Pois, apesar dos mesmos saberem como agir nessas situações adversas em decorrência das suas vivências anteriores, eles conseguem fazer uma leitura espacial dos sinais presentes no sertão nordestino e no comportamento dos animais de que um novo episódio de seca irá acontecer. Por conseguinte, esse mesmo cenário faz com que os personagens vivenciem situações angustiante por tais sinais que eles já tenham observados no passado e por conseguinte visualizam que tais situações se repetirão no futuro. Assim, conscientes dessa questão, em busca de uma vida melhor para eles e seus filhos, o casal se retira desse ambiente cíclico em direção ao sul, em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as questões acima discutidas, é possível averiguar que no livro *Vidas Secas*, ao decorrer dos treze capítulos que o constitui, o leitor é apresentado a descrição de elementos naturais e sociais que influenciam no comportamento da família de retirantes no período entre secas descrito na obra. Tais descrições elaboradas por Graciliano Ramos possibilita verificar como esses elementos que constituem esse espaço afetam o comportamento e até mesmo o modo de pensar dos seus protagonistas.

Como, por exemplo, em episódios descritos nas quais o personagem Fabiano é exposto a uma situação de injustiça, o leitor é apresentado aos seus pensamentos nos quais é perceptível

que apesar de não conseguir se expressar por intermédio de palavras em seus pensamentos é visualizado como ele possui um entendimento, a partir de vivências anteriores, de como ele e sua família estão mais susceptíveis a enfrentar essas questões, o que oriunda em diversos momentos de sofrimentos internos. Adicionalmente, é perceptível que essa ao decorrer de toda a história, a família retorna em pensamentos ao período de fuga, vivenciado anteriormente, possibilitando ao leitor verificar como a ocorrência de episódios de seca deixam marcas tanto no meio no qual os personagens estão inseridos quanto em seus psicológicos.

Assim, *Vidas Secas* é constituído por descrições que possibilitam que seu leitor compreenda, a partir dessa representação artística, como os elementos espaciais e sociais afetaram a vida dos retirantes protagonistas da obra e findaram em consequências psicológicas e existenciais em seus personagens. Adicionalmente, trazendo para a realidade, a história retratada no livro no qual uma família necessita se deslocar em decorrência de sua vivência em sua área de origem se tornar inviável devido episódios de seca ter sido presente em toda a história do Nordeste Brasileiro ao decorrer do século XX. Desse modo, a partir das descrições das características físicas, sociais e psicológicas descritas na obra, o leitor consegue perceber elementos que apontam para espaço social dessa época.

Portanto, a obra pode apresentar elementos psicológicos e, de forma indissociável, retratar as fortes desigualdades existentes no território Nordeste. Daí porque o escrito se torna um romance atemporal, clássico, com os seus protagonistas como representantes de um povo, de uma região. Nesse caminho, reafirma-se a condição de ser o romance, um objetivo que possibilita a Geografia ter como fonte de informação para análise do espaço.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 65, v. 22, 2007, pp. 9-16.

BIZARRIA et.al. O sertão semiárido, políticas públicas e as relações de poder em “Vidas secas”. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S. l.], v. 12, n. 4, 2016. DOI: 10.54399/rbgdr.v12i4.2610. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/2610>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BROSSEAU, M. O Romance: outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. p. 79 – 121



BURITI, G.O de; AGUIAR, J.O. Secas, migrações e representações do semiárido na literatura regional: por uma história ambiental dos sertões do Nordeste brasileiro. **Textos e Debates**, n. 15, 2008.

CLAVAL, Paul. *La fabrication du Brésil: une grande puissance en devenir*. 2004.

CÂNDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000

_____. **Ficção e Confissão**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 01 – 153

CASTRO, Júlia Fonseca de Castro. Geografia e literatura: uma aproximação de diálogo. IN: SUZUKI, J. C.; ARAÚJO, G. C. C. de; CASTRO, R. de C. M. L. de. Revista Geografia, Literatura e Arte: caminhos da geoarte. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1-4, 2020. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.177332. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/177332>. Acesso em: 5 maio. 2023.

IANNI, Octavio. Variações sobre arte e ciência. **Tempo Social**, v. 16, p. 7-23, 2004.

LAFAILLE, R. “*Depart: géographie et poésie*”. *Le Géographie Canadien*, 1988, n.33 (2), p. 118 – 130.

GUIMARÃES, S.T.L, de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, v. 15, n. 30, p. 7-33, 2000

MARANDOLA JR, E. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, v. 34, n. 3, p. 487–508, 2009.

MONTEIRO, C.A.F de. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico** / Ruy Moreira. 1 ed., 2º reimpressão. — São Paulo: contexto, 2010.

PEREIRA, Lucia Miguel. Vidas Secas. Boletim de Ariel, mai. 1938

RAMOS, G.; **Vidas Secas**. Edição comemorativa de 80 anos. Rio de Janeiro: Record, 2018.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

SEGISMUNDO, F. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, v.VII, n.76, p.327 – 332, jul.1949.